

A INCLUSÃO ESCOLAR DA CRIANÇA “DEFICIENTE”

AUTOR: MARIA LUISA DA COSTA FOGARI

ORIENTADORA: MARTHA MARIA DOS SANTOS

TRABALHO DESENVOLVIDO EM 2005, PARA O PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO “CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ”

Palavras-Chave: Inclusão, Educação, Portadores de necessidades especiais.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar reflexivamente a evolução histórica dos “deficientes”, enfatizando a inclusão escolar, como direito. Identificando se os profissionais estão preparados, os aspectos positivos e negativos, e se há barreiras arquitetônicas e pedagógicas. O universo se constituiu por: professores, diretores, e equipe multidisciplinar. A quantificação da amostra se deu através de duas escolas, de dez do universo, e a coleta de dados, ocorreu através de entrevista semi-estruturada e pesquisa qualitativa, embasada no materialismo histórico-dialético. Os resultados revelaram que não há materiais específicos, capacitação profissional, sendo peculiar à dicotomia: os educadores conservadores, não crêem na inclusão, e os contemporâneos, a defendem. A proposta seria os assistentes sociais, intervirem através da cultura, arte, lazer, e do esporte adaptado, despertando interesse pelas apresentações, entre artistas e jogadores “deficientes”, e “não deficientes” aglutinando valores.

1) INTRODUÇÃO

Etimologicamente a palavra deficiência significa “defeito”, “imperfeição”, para o ser humano, isso significa “barreira”, ou um ser "anormal" para os padrões de estética e beleza prementes na sociedade.

A autora Maria Elisa G. Fonseca Tulimoschi, (2004, p. 01), constatou através do pensamento dos autores Peranzoni & Freitas, que: *Através da história, o portador de necessidades educacionais especiais recebeu diferentes nomes, tratamentos e considerações sempre relacionados aos valores sociais, filosóficos, éticos e religiosos de cada período, nas diferentes culturas.*

No Brasil, os indivíduos “defeituosos” começaram a ser segregados nas Instituições Totais, com a criação do Hospício Pedro II (1841), do Imperial Instituto dos Meninos Cegos (1854) e do Instituto de Surdos-Mudos (1856).

No início do século XX, foi inaugurado no Rio de Janeiro “o primeiro pavilhão escola para crianças anormais”, o Pavilhão de Bourneville, e o método utilizado era o de Séguin, isto é, a domesticação. Na década de 20 ocorre a generalização dos testes psicológicos nas escolas.

Aqui a evolução decorreu com a Constituição de 1988 no (art. 208), onde essa preconiza o “*atendimento educacional especializado preferencialmente na rede regular de ensino*”.

A família é considerada o primeiro grupo social, e a educação é a segunda etapa, sendo importantíssimas para a criança adotar vínculos sociais.

Em se tratando de educação especial, está divide em: a primeira fase, anterior ao século XX (exclusão); segunda no século XX, (segregação); terceira a integração; e a última à inclusão.

Na elide da educação inclusiva, os alunos “normais” freqüentam classes comuns com colegas “portadores de necessidades especiais”, minimizando o preconceito que os separavam antes. “*Assumimos que o conhecimento da sociedade implica o conhecimento da vida cotidiana e que o conhecimento da vida cotidiana implica o conhecimento da sociedade.*” (PENIN, 1989, p.35).

Segundo a cartilha: O acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes comuns da Rede Regular, da Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, a meta da inclusão, será o atendimento ao aluno “especial” a partir da Constituição e da Convenção de Guatemala:

*Adaptação dos estabelecimentos de ensino, eximindo as barreiras arquitetônicas, e adaptando os métodos pedagógicos, mediante a diversidade do seu alunado, com ou sem “deficiências”.

*os serviços de apoio especializado como os professores de Educação Especial, intérpretes de língua de sinais, instrutores de Libras, professores do ensino braile e de outros recursos de ensino e aprendizagem.

Fagner é um exemplo, da educação inclusiva, este garoto, portador de deficiência visual, quando foi transferido para uma classe regular da E.M.E.F Pedro de Oliveira, o garoto fez amizade com um aluno “não deficiente”, o Natan, e eles jogam futebol juntos, e sua bola tem um guizo dentro para orientar o movimento. Que criatividade tudo para que o amigo possa ter momentos agradáveis de lazer, podemos considerar este fato, uma “amizade inclusiva”.

A amizade, antes de tudo, é mágica, é mistério e milagre. Há algumas estratégias concretas que as pessoas podem usar para ajudar a construir as amizades nas vidas das pessoas, mas não apenas estratégias. Não há soluções simples que funcionem o tempo todo para construir amizades entre as pessoas. Manter essas amizades requer trabalho árduo e energia, especialmente se as pessoas em questão têm longas histórias de segregação, isolamento, solidão profunda e poucas oportunidades. (STAINBACK, 1999, p.169)

Segundo a cartilha Direito à Educação, lançado em 2004 pelo Mec em parceria com a SEESP – Secretaria de Educação Especial, em se tratando de direitos dos portadores de necessidades especiais, á cultura, do desporto, do turismo e do lazer, estes rezam desta forma: Art. 46. Os órgãos e as entidades da Administração Pública Federal direta e indiretamente responsável pela cultura, pelo desporto, pelo turismo, pelo lazer dispensarão tratamento prioritário e adequado aos assuntos objeto deste Decreto, com vista a viabilizar, sem prejuízo de outras, as medidas:

- I – Promover o acesso da pessoa portadora de deficiência aos meios de comunicação social;
- II – criar incentivos para o exercício de atividades criativas, mediante:
 - a) participação da pessoa portadora de deficiência em concursos de prêmios no campo das artes e letras;
 - b) exposições, publicações e representações artísticas ;

- c) incentivar a prática desportiva formal e não-formal como direito de cada um e o lazer como forma de promoção social.

Art. 47. Os recursos do Programa Nacional de Apoio à Cultura financiarão, entre outras ações, a produção e a difusão artístico cultural de pessoa portadora de “deficiência”.

Parágrafo único. Os projetos culturais financiados com recursos federais, inclusive de programas especiais de incentivo à cultura, facilitando o acesso da pessoa portadora de “deficiência”, possibilitando o exercício dos seus direitos.

Para o autor Sasaki,(1999), a sociedade desconhece as habilidades artísticas, intelectuais e culturais do portador de necessidades especiais. Na sua concepção:

A) Pessoa “deficiente” que possui habilidades artísticas e literárias é melhor que atuem em conjunto com profissionais ou grupos sem deficiência, para não ficarem segregados.

B) Portadores de “deficiência” se envolvendo com a cultura, para o seu desenvolvimento pleno, valorativo, na totalidade social.

Assim, as abordagens incentivam o educador a utilizar-se da interdisciplinaridade, das expressões artísticas, através de jogos, brincadeiras, proporcionando atividades sociais e motoras.

Iniciativas mostram que a educação, o esporte, cultura e lazer, são de primordial importância para que a inclusão social ocorra não somente em âmbito estudantil, mas no restante da comunidade.

O portador de necessidades especiais, geralmente é subestimado, e ele para mostrar o contrário necessita de experiências bem sucedidas, um passeio ao campo de futebol, concerto, cinema, teatro, isso é, mostrar que o outro interessa por seus desejos, histórias ou planos.

Esta contextualização histórica mostra a importância da Arte/Educação para que se abram espaços em museus, centros culturais, ginásios de esportes, e em âmbito escolar, através de exposições comunitárias, reforçando a experiência que a arte, o esporte e o lazer, trazem na vida destas pessoas.

2) METODOLOGIA

2.1 Universo

O universo de pesquisa, foi constituído por profissionais da área escolar: fonoaudióloga, psicóloga, psicopedagogo, professoras, diretoras escolar e assistente social.

Foi constatado que há dez escolas ao todo, delimitamos através de sorteio a amostra duas Emef (Escola Municipal de Ensino Fundamental).

2.2 - Amostra

A amostra foi constituída de duas escolas, cujos alunos estão na faixa etária de 7 a 11 anos de idade.

- 1) Escola Municipal de Ensino Fundamental "Madre Carmelita".
- 2) Escola Municipal de Ensino Fundamental "Francisco Ribeiro".

2.3-Técnica de Coleta de Dados

A técnica de coleta de dados se constituiu de entrevistas semi-estruturadas e inicialmente foi dada uma explicação introdutória sobre a pesquisa, dando liberdade para as respostas.

A entrevista se constituiu no instrumento adequado para este estudo, permitindo o contato face a face, entre pesquisador e pesquisado, nos detendo nas expressões dos sujeitos, e o fluxo discursivo.

3) RESULTADOS

Os profissionais não estão preparados para a inclusão, e nem as famílias estão devidamente informadas sobre os direitos adquiridos na Constituição de 1988.

As equipes multidisciplinares deverão oportunizar a coesão aluno-escola-comunidade, através de profissionais especializados, para incluírem através da arte, lazer, e do esporte.

Um item preponderante, a falta de adaptação dos espaços físicos, tanto em âmbito estudantil, como os logradouros públicos e privados.

4) CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia divergente, em âmbito escolar, enriquece os projetos inclusivos, várias pesquisas estão em fomento, é o momento adequado para que se busque espaços em todos os sentidos, na cultura, no lazer, especificamente nos esportes.

A mudança depende de recursos financeiros, coesos os educadores e profissionais envolvidos com a questão, ergam a bandeira inclusiva, já que no bojo da história foram esquecidos e desmerecidos.

Será primordial o profissional assistente social se envolver com esta camada societária, usando de projetos sociais inclusivos, garantindo a “cidadania plena”.